

O tremor da consciência

MARCELO DE PAIVA ABREU*

Paulo Rónai abriu o seu *Roteiro do Conto Húngaro* com um magnífico conto de Kálmán Mikszáth, que pode servir de lição aos que tratam hoje da política econômica externa brasileira. O conto é sobre o ferreiro János Strásza, que havia adquirido enorme reputação como operador de olhos nas horas vagas. Era mestre na ablação de cataratas muito complicadas que não eram operadas nem mesmo pelos grandes especialistas. A fama de Strásza provocou uma controvérsia entre os oftalmologistas da Faculdade de Medicina em Budapeste e especialistas de Viena, alguns resistindo a acreditar na reputação do ferreiro. Decidiram convidá-lo a provar seus talentos, operando um caso extremamente difícil de catarata.

Strásza acordou de madrugada, caminhou desde o seu vilarejo até Budapeste e apresentou-se para realizar a operação, presenciada pelos especialistas locais e seus convidados vienenses. O ferreiro, usando uma faquinha que mais parecia um canivete, operou a catarata do olho esquerdo do paciente que lhe foi apresentado, como se estivesse descascando uma laranja. Foi cumprimentado efusivamente pelos visitantes austríacos, mas o grande especialista que o havia convidado não se conteve e dedicou um bom tempo a mostrar ao ferreiro toda a sua ignorância quanto aos detalhes do olho humano: retina, nervo ótico, coróide, esclerótica e tudo o mais. Sua ação havia sido irresponsável pois se a sua mão se tivesse desviado um milímetro poderia ter cegado o paciente. Strásza ouviu o inflamado discurso com crescente preocupação. Quando convidado a operar o olho direito do paciente, operação bem mais fácil, o ferreiro agarrou a sua faquinha, mas, agora que tinha consciência da complexidade do olho humano, a sua mão tremeu. Não se atreveu a operar o outro olho do paciente. De fato, nunca mais operou na vida. Durante longos anos os gestores da política comercial brasileira agiram como o ferreiro húngaro. Foram salvos dos malefícios que poderiam gerar suas políticas protecionistas pelas peculiaridades das exportações brasileiras, pelo comportamento também protecionista dos competidores nos mercados internacionais e pela fragmentação da economia mundial. A capacidade brasileira de transferir aos consumidores no exterior o aumento dos custos de produção permitiu a convivência de uma tarifa alta com crescimento rápido. A existência de um mercado doméstico relativamente grande estimulou a entrada de capitais estrangeiros em busca dos lucros extraordinários garantidos pelo completo isolamento do mercado brasileiro da competição das importações.

Mas a associação de proteção alta com crescimento rápido deixou de ser válida já no final dos anos 70 e foi o reconhecimento disso que possibilitou o progresso da liberalização comercial, especialmente a partir do início dos anos 90. É claro que o ideal é que a liberalização no País seja acompanhada por abertura adicional de mercados para as exportações, mas reduzir as tarifas de importação é algo benéfico ao País mesmo que a política seja adotada unilateralmente.

Notícias de uma balança comercial modestamente positiva em janeiro, depois de uma sucessão de déficits, podem adiar por algumas semanas uma decisão “momentosa” do governo na área de política comercial, mas as nuvens negras são claramente visíveis no horizonte. É grande o risco

de uma decisão equivocada. Como frequentemente ocorre com o processo decisório público, ganha força a ideia de que é preferível fazer alguma coisa, mesmo que não se saiba de fato mais quais são as consequências das decisões tomadas, do que ficar inativo. O custo político da inação é considerado muito alto.

Clama-se por uma política industrial, em muitos casos isso é tênue disfarce para o contra-ataque de interesses contrariados pela abertura. Políticos fortalecidos por seu papel na votação da reeleição poderão transformar a política comercial de algo medíocre em algo calamitoso. Não há razão para que uma burocracia com retrospecto de péssima pontaria nos últimos 20 anos passe a acertar ao escolher os setores a privilegiar. Uma política industrial séria deve abandonar o tratamento discricionário, caso a caso, tão a gosto da fisiologia tradicional. Teria de ser baseada em políticas horizontais, isto é, sem seleção prévia dos setores beneficiados. Obedecendo à legislação internacional subscrita pelo Brasil, enfatizaria a capacitação tecnológica em uma perspectiva de longo prazo e trataria seriamente dos desequilíbrios regionais. Enfrentaria a reestruturação industrial decorrente da abertura comercial com programas de retreinamento de mão de obra alimentados por cooperação estreita com o setor privado.

Nesse quadro marcado por pleitos setoriais, percebe-se um clima algo paranoico quanto aos desígnios dos parceiros comerciais brasileiros. É óbvio que esses parceiros estão primordialmente interessados na defesa dos seus interesses, mas parece ser mal percebido como mudou a visão internacional sobre o Brasil. No passado recente, o Brasil não era levado a sério internacionalmente, em vista da debilidade econômica retratada exemplarmente por sua inflação crônica e calamitosamente alta. Isso mudou com o sucesso da estabilização: há a compreensível expectativa internacional de que sejam adotadas políticas racionais em todos os azimutes e parece pouco surpreendente que comecem a se acumular críticas à política econômica externa brasileira. O perigo é que excentricidades tais como o regime automotivo e as salvaguardas para brinquedos propiciem clima para declarações enfáticas, e extremamente questionáveis, como a recente crítica do governo dos EUA às resistências brasileiras à rápida integração hemisférica.

O melhor cenário é aquele em que a consciência dos custos de um aprofundamento da reversão da abertura faça, como no caso do ferreiro húngaro, tremer a mão do governo quando pensar em reintroduzir políticas protecionistas disfarçadas de política industrial. Que concentre seus esforços em alcançar seus meritórios objetivos de ajuste fiscal e reforma do Estado.

* Marcelo de Paiva Abreu é Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.